



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.  
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## Depoimento da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Dulce Magalhães Moreira de Sá

*à cerca da cura repentina, realizada na Fátima no dia 13 de Maio de 1940, dum doença gravíssima, a favor da referida Ex.<sup>ma</sup> Senhora, cura atribuída a*

## NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e um, na Sala do Tribunal Eclesiástico da Diocese do Porto, perante o Ex.<sup>mo</sup> Oficial, Reverendo Cônego Doutor Manuel Pereira Lopes, com autorização especial do Ex.<sup>mo</sup> Prelado, estando eu, P.<sup>e</sup> Manuel Mala Mendes da Paz, notário, compareci a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Dulce Magalhães Moreira de Sá, para o efeito de dar o seu depoimento acerca da cura dum gravíssima doença que sofreu, cura que atribui à intercessão de Nossa Senhora de Fátima.

Depois de o sr. Juiz Delegado ter exposto a santidade do juramento, a referida Senhora com a mão sobre os Santos Evangelhos, jurou dizer a verdade, toda a verdade e só a verdade; e disse: Chamo-me Dulce Magalhães Moreira de Sá, sou filha de Delfim, digo Francisco Delfim de Carvalho Magalhães e de Ana Rosa Carvalho Magalhães, tenho cinquenta e cinco anos de idade, professo a religião católica, sou dona de casa e resido com meu marido Major Fernando Moreira de Sá, na rua das Valas, freguesia de Cedofeita, desta cidade do Porto.

Interrogada sobre a sua doença respondo: Teria eu cerca de sessenta e seis anos, comecei a sentir grande dor no ouvido esquerdo, acompanhada de muita supuração e tendo perdido a audição desse ouvido.

Durante muitos anos consultei vários médicos, fiz muitos tratamentos e não obtive resultado algum. Foi-me aconselhado a fazer operação que se foi adiando devido ao meu estado de saúde ser precário.

Em outubro de mil novecentos e trinta e cinco, entrei para a Casa de Saúde do Dr. Alberto Gonçalves, para fazer a operação, tendo sido tirada uma radiografia.

A operação correu normalmente, contudo, procurando dez dias depois levantar a cabeça não o conseguí fazer de modo algum.

Os médicos atribuindo esta circunstância ao martelar da cabeça e da comoção sofrida aconselharam a um repouso mais prolongado o que fiz durante dois meses, ficando em meia obscuridade, mas não obtendo resultado de melhoras; tinha sem-

pre vertigens e dores horríveis no lado esquerdo da cabeça.

Os médicos aconselharam vários medicamentos e tratamentos para o estado geral, mas, apesar de tudo isto, não conseguia levantar a cabeça nem sentar-me na cama, mesmo amparada, e muito menos de pé. Eram muito violentas as dores na cabeça e na espinha.

Em Fevereiro de 1936, foi realizada na Casa de Saúde, onde estava, uma conferência médica, vindo propositadamente de Lisboa o Dr. Alberto Mendonça que já me tinha visto três anos antes.

Foi resolvido fazer várias análises e outros tratamentos e entre eles uma análise ao líquido raquidiano, sabendo eu só agora que se comprovava a existência de lesão interna orgânica.

Eu continuava a sofrer e a sofrer muito, e cada vez me sentia pior: continuavam sempre as vertigens, dando-me a impressão de estar num barco a baloiçar.

As dores do lado esquerdo da cabeça eram violentas, acompanhadas, quasi sempre de congestões; havendo derramamento de sangue pela narina, mantinham-me longas temporadas com gelo na cabeça. Sofria perturbação na vista não podendo suportar senão meia luz e não podendo aplicar a vista a coisa alguma.

Ao fim de seis ou sete meses, a perna esquerda começou a encolher e a ficar atrofiada; a perna ficou sempre encolhida apesar dos tratamentos a que me sujeitei; extensão forçada e choques eléctricos. Ainda procuraram sentar-me, mas as vertigens e dores eram tais que não puderam continuar. Assim se passou um ano completo na Casa de Saúde, levando-me então para minha casa.

Comecei a convencer-me que a minha doença não tinha cura.

E, transportada para casa num carro, colocaram-me no leito sem nunca mais fazer qualquer exercício ou movimento não sentindo melhoras nem na cabeça, nem na perna, nem na espinha.

O meu estado geral agravava-se cada vez mais, não podendo alimentar-me suficientemente apesar de constantes tratamentos, de remédios, de

aplicações de raios ultra-violetas e atentas as circunstâncias em que me assim estive nesta situação mais encontrava.

Em outubro de mil novecentos e trinta e nove pedi a meu marido para ir a Fátima. Ele procurou dissuadir-me, dizendo que seria mais oportuno ir mais adiante, quando estivesse mais forte e mais bem preparada de saúde.

Ele então poz junto de mim o rádio para eu ouvir a missa dos doentes que se celebra em Fátima, o que ouvi com muita comoção, derramando muitas lágrimas, sentindo-me muito pior no dia seguinte.

Nas proximidades de maio de mil

(Continua na 2.ª página)



Fátima 13 de Maio de 1940 — D. Dulce Moreira e Sá na ocasião da sua cura extraordinária

## A Peregrinação de Setembro, 13

Foi por um tempo magnífico, próprio da quadra estival que estava decorrendo, que se efectuou a peregrinação mensal de Setembro ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima na Cova da Iria.

A concorrência de fiéis, embora bastante regular, pode desde já ser considerada como a menos numerosa dos meses de verão do corrente ano.

A procissão das velas, em que tomaram parte milhares de pessoas, foi revestida de grande brilhantismo.

A meia-noite, depois de cantado o *Credo* pela multidão aglomerada no terreiro em frente da escadaria do Rosário, começou a piedosa cerimónia da adoração de Jesus Sacramento solenemente exposto no altar exterior da Basílica em construção.

Fez as práticas do costume, nos intervalos das dezenas do terço, o rev.<sup>do</sup> dr. José Galamba de Oliveira que comentou os mistérios dolorosos do Rosário.

A adoração geral, que durou desde a meia-noite até às duas horas da madrugada, seguiram-se os turnos de adoração privados de várias peregrinações, como as da freguesia do Socorro de Lisboa, de Ilhavo e dos escutas de Lever (Vila Nova de Gaia).

As 6 horas, feita a reposição do Santíssimo Sacramento, celebrou a Missa da comunhão geral o rev.<sup>do</sup> P.<sup>e</sup> José Maria de Oliveira, pároco de Lever.

Os escutas de Lever tiveram Missa privativa à mesma hora.

Houve cerca de 3.000 comunhões.

A Missa dos doentes foi celebrada pelo rev.<sup>do</sup> dr. José Galamba de Oliveira que deu a bênção individual a cada um dos doentes e a bênção geral.

Ao Evangelho prêgou Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria. Falou sobre a necessidade da oração e da penitência para alcançarmos o perdão dos pecados, afastarmos os castigos divinos e merecermos a graça da paz.

Durante a bênção dos doentes levou a umbela o sr. António Luís Fernandes, director da Escola Masculina n.º 2 da cidade de Leiria.

Terminaram as cerimónias comemorativas do dia 13 com a última procissão em honra de Nossa Senhora e o cântico do «Adeus».

Visconde de Monfelo

## PEREGRINAÇÃO DE OUTUBRO AO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Tendo o Em.<sup>mo</sup> Senhor Cardeal Secretário de Estado de Sua Santidade comunicado o vivo desejo do Santo Padre de que, durante o próximo mês de outubro, se façam preces públicas pela Igreja e pela Paz, peço a todos os peregrinos:

1.º que durante a peregrinação ofereçam as suas orações, trabalhos e sacrifícios pelas intenções do Santo Padre;

2.º determino que a chamada Procissão de Nossa Senhora, da Capela das Aparições para o local onde será celebrada a Santa Missa pelos doentinhos principie 1 hora mais cedo e a seguir sejam feitas Preces Públicas, segundo as intenções do Santo Padre.

† JOSÉ, Bispo de Leiria

# DEPOIMENTO

(Continuação da 1.ª página)

novecentos e quarenta insisti com o medico assistente Dr. Rocha Pereira, professor da Faculdade de Medicina que me deixasse ir a Fátima. Procurou dissuadir-me mais uma vez, falando-me na impossibilidade absoluta do meu transporte, visto na cama não me poderem sequer tocar. Como porém eu continuasse a insistir cada vez mais no meu pedido, afirmando que Nossa Senhora me chamava a Fátima e que eu estava pronta a sujeitar-me a todos os perigos, até mesmo a morte, o medico disse que não tinha direito a pôr mais obstáculos, procurando então meu marido satisfazer o meu veemente desejo. Preparou-se a ambulância dos Bombeiros Municipais especialmente adaptada para eu ir deitada, tendo-se resolvido que eu fizesse a viagem em várias etapas. Confessei-me e comunguei no dia da partida, em dez de maio, transportaram-me do leito para a maca com grande cuidado, tendo eu presentido entre o enfermeiro e meu marido um olhar de desolação.

Sai de casa cerca de duas horas da tarde, acompanhada de enfermeiro e enfermeira, fiz uma viagem horrível, levando sempre gelo na cabeça, não dando conta de coisa nenhuma, nem dos lugares por onde passava, não falando coisa alguma, não me alimentando recebendo injeções a cada passo.

Cheguei à noite ao Hospital da Universidade, em Coimbra, e ouvi distintamente o dr. Elísio de Moura, que já antes me tinha observado, dizer: Que temeridade trazer esta Senhora em tal estado.

Passé a noite mal e no dia seguinte de manhã, sem me alimentar, parti para Fátima, chegando lá à noite. Entrei para o hospital de Nossa Senhora de Fátima, na Cova da Iria e passei lá a noite de onze, o dia de doze e a noite seguinte notando em volta de mim olhares de muita compaixão. Nada me alimentei. Levei uns olhos muito escuros, custando-me, apesar disso, a suportar a luz, abrindo-me ainda um guarda-sol para ofuscar mais.

Comunguei na manhã do dia treze e depois fui levada na maca para o recinto dos doentes onde, com muita dificuldade por causa da luz e das dores, assisti à missa comodamente.

Durante a missa rezei quanto pude, outras vezes porém estava tão emocionada, que nada podia fazer.

Quando o Santíssimo passou diante de mim, estendida na maca, e, ao afastar-se já um pouco, senti uma grande vontade de me levantar, o que eu fiz sem receio algum, tal era a certeza de que eu estava curada.

Perlu então os meus ouvidos um grito de meu marido que não me impressionou por ter a certeza de que eu estava curada e, olhando-o vi-o de joelhos.

Produziu-se grande alvoroço, mas o meu desejo era ver passar Nossa Senhora, fiquei algum tempo sentada, mas como julgassem ser mais conveniente retirarem-me, levaram-me num carrinho para a enfermaria, encontrando-me eu muito à vontade, com a maior serenidade e calma. Não tinha excitação alguma. Quando passava, vi uma irmã minha que desmaiava e eu ainda lhe dirigi palavras de animação.

Na enfermaria não queriam que eu recebesse ninguém, supondo que estaria muito fraca, mas eu recebi todas as pessoas e não foram poucas, que lá me foram procurar, que me queriam ver e eu para dar glória a Nossa Senhora a todas falei, atendi e expliquei a minha doença e minha cura. Logo que fui curada tirei os óculos e suportei toda a luz, sem dificuldade alguma, o que tem sucedido até agora.

Fiquei ali até à tarde e vim no automóvel com meu marido, sentada, à vontade, falando sempre e vendo com alegria a paisagem, que já há bastantes anos não via.

Em Coimbra alimentei-me, passei a noite muito bem e era tal a alegria em que estava que várias vezes, de noite, levantei-me na cama, para gozar a felicidade de o poder fazer.

Nunca mais senti as dores, nem as vertigens e faco mesmo aquilo que nem antes da operação podia fazer. Assim por exemplo não podia assistir à missa de joelhos e na missa que mandei celebrar em acção de graças, oito dias após a cura, estive sempre de joelhos, embora fosse missa de festa e portanto mais demorada, estando em jejum.

Tenho feito sempre a vida normal: trabalhando, aplicando-me, mexendo-me muito e o dr. Jaime de Magalhães, especialista que eu consultei, diz-me sempre quando me encontra que não sabe explicar o meu estado. Indo a Lisboa, o ano passado, fui visitar o dr. Alberto Mendonça que se confessa maravilhado e disse-me que os médicos são obrigados a reconhecerem que há alguma coisa superior que pode mais que eles, sendo obrigados a confessar que nada sabem.

E tendo eu notário, lido este depoimento, em voz clara e pausada, a referida senhora D. Dulce Magalhães Moreira de Sá, declarou que nada tinha a acrescentar, diminuir, alterar ou modificar ao que acabava de ouvir ler porque era perfeitamente exacto.

Em fé do que vai assinar com o Ex.º Juiz e comigo notário.

Dulce de Magalhães Moreira de Sá  
Cónego Manuel Pereira Lopes  
P.º Manuel Maia Mendes da Paz,  
notário

## LEITE MATERNO

Não ha nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

## VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplêndido.

Frasco, 20\$00 em 100 frascos

## SENHORA CATÓLICA

como V. Ex.ª é, ainda não assina a «STELLA», a grande revista feminina ilustrada de modas e bordados?

Se não, escreva já um postal à Administração da «STELLA», Cova da Iria (Fátima), requisitando um exemplar à amostra que lhe será enviado grátis e depois inscreva-se como assinante.

O preço anual da assinatura (pagamento adiantado) é de 25\$00, além da despesa da cobrança.

# SIMPLICIDADE NO AMOR

É tão simples, tão fácil amar a N.ª Senhora que faz pena ver as almas afastadas d'Ele pela obsessão de obstáculos que não existem, julgando muitas vezes, que para conviver com Ele é necessário tomar atitudes estranhas, fabricar fórmulas complicadas numa linguagem rebuscada.

Ah! não. O Senhor não é esse Ser distante e inacessível que olha sobreanceiro e indiferente as pobres e miseráveis criaturas a quem dá audiência só em determinados momentos e exigindo para isso um complicado protocolo. Não. Pelo contrário. A todas as horas, a todos os momentos da minha vida eu posso e devo estar com Ele pois Ele está em toda a parte. Neste momento mesmo Ele olha o deslizar da minha caneta sobre o papel em branco e aprova de-certo o meu humilde esforço; pois o Seu olhar divino sobre os instrumentos do meu trabalho, seja ele qual for, e estimula-me a fazê-lo com perfeição por amor d'Ele ou censura a minha culpada negligência; como a Mãe mais desvelada, vigia o meu dormir, acompanha-me nas minhas viagens, assiste até aos mais insignificantes actos do meu viver.

Mas mais ainda: não só Ele está constantemente ao meu lado, mas, o que é mais consolador, está dentro de mim se O não esquecerai do santuário da minha alma cometendo pecado grave.

Com este Companheiro divino que não me abandona um só instante, porque deixar-me invadir amachucar pela sensação angustiosa do isolamento, se na realidade eu nunca estou só? Meu Deus, avivai, intensificai a minha fé na Vossa divina e constante presença e eu não sentirei a falta, o abandono das criaturas.

Falar com Ele? Mas é tão fácil! Almas tímidas, não tenhais medo de falar ao Senhor. Não julgueis que para O abordar é preciso usar de orações especiais feitas de lindas e sonoras palavras. Deixai transbordar no Seu coração os sentimentos, as alegrias ou as amarguras da vossa alma na linguagem simples mas sincera que empregais com os vossos amigos mais íntimos. Não é Ele o nosso maior, o nosso único e verdadeiro Amigo?

Conversemos com Ele ao longo do dia, pois tudo o que nos diz respeito Lhe interessa. Como Pai amoroso e indulgente, gosta de ouvir tagarelar os Seus filhos que vêm confiadamente contar-lhe as suas contrariedades, os seus triunfos, as suas dores.

Vamos-Lhe dizendo pelo dia fora, na sinceridade e singeleza do nosso coração: — Senhor, eu Vos amo — e provemos-Lhe praticamente o nosso amor.

E assim neste santo, íntimo e constante convívio, sob a luz divina do Seu olhar, será menos sombrio o caminho da vida, parecer-nos-á menos duro e monótono o labor humilde, menos doloroso o calvário, menos pesada a cruz.

Como o Senhor é bom! Como o Seu amor nos torna felizes já neste mundo! É bem o prelúdio da imensa felicidade que gozaremos um dia ao contemplá-Lo, ao possuí-Lo por toda a eternidade na mansão do Céu.

## Calendário de N.ª Senhora da Fátima para 1942

Edição de luxo em offset, trabalho primorosamente executado pela Litografia Nacional do Porto.

Preço de cada exemplar 1\$00; pelo correio 1\$30.

Dirigir pedidos à administração da revista «STELLA» Cova da Iria (Fátima).

# Quem são os Chefes da Trezena?

(Continuação)

Preenchidas e entregues as listas com os nomes dos nossos Cruzados está feita a inscrição.

Dos Rev.ºs Párocos ou Delegados Paroquiais devem os chefes de Trezena receber as devidas patentes de admissão para entregarem aos cruzados das suas trezenas.

O bom e zeloso chefe da trezena, ao entregar a patente procura incutir um verdadeiro amor e sólida estima pela P. U. dos Cruzados da Fátima aos filiados, lendo e explicando-lhes os seus deveres e direitos impressos na mesma patente de Admissão.

O bom chefe da trezena procura cuidadosamente todos os meses e nos primeiros dias, junto do Rev.º Pároco ou Delegado Paroquial o jornal «Voz da Fátima» para a tempo o distribuir. Aproveita a ocasião para animar os desalentados e incitar os outros.

É bom chefe de trezena aquele que tem sempre a sua trezena completa. Quando algum cruzado por qualquer motivo abandona a P. União dos Cruzados, o bom chefe recruta logo um outro soldado para o lugar do desertor.

Mas isto não basta.

O bom chefe de trezena não se contenta com ser só; deve esforçar-se para que muitos dos seus Cruzados, os mais activos, subam de categoria, tomando conta de novos filiados. A P. U. dos Cruzados da Fátima só atingirá o seu objectivo quando for uma enorme cadeia formada de muitos e muitos elos que são os Chefes de Trezena intimamente unidos e ligados ao elo principal que são os Senhores Bispos Portugueses. Quando esta cadeia for tão forte e extensa pela quantidade de seus elos que possa resistir aos embates não só dos inimigos, mas também dos mal entendidos e abraçar todos os portugueses a P. U. dos C. de Fátima, terá realizado o desejo e fim altamente nobre e grande do seu fundador e directores.

O chefe de trezena valoriza e torna perdurável o seu trabalho, preparando quem continue os seus esforços e sacrificios.

O principal cuidado dum bom organizador e chefe de larga visão é preparar quem o substitua, quem tome o comando na sua impossibilidade.

Uma outra boa qualidade do bom chefe de trezena é ter as contas em

dia. Receber as cotas todos os meses, para não deixar amontoar (e a melhor ocasião é no acto da entrega do jornal) para no dia 20 do último mês de cada quadrimestre prestar contas ao Delegado Paroquial.

Porque a P. U. dos Cruzados, além do bem espiritual dos seus filiados pretende realizar e tem realizado já muitas obras de carácter social: de beneficência, formação e educação.

— Quem há que não queira ser chefe, comandar treze soldados de Cristo?... Mãos à obra. É coisa fácil e no céu largamente recompensada.

Esta é a alta missão dos bons chefes de trezena. Arranjar e preparar muitos outros bons, zelosos e activos chefes de trezena.

Sem bons chefes, nada. Com bons chefes, tudo.

Leiria, 18 de Setembro de 1941  
P.º PIRES

# VOZ DA FATIMA

## Despesas

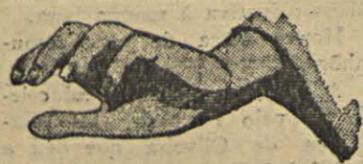
Transporte ... ..	2.182.401\$20
Franq. Emb. Transporte do n.º 228 ... ..	4.649\$16
Papel, comp. e imp. do n.º 228 ... ..	21.652\$85
Da administração ... ..	216\$50
<b>Total ... ..</b>	<b>2.208.919\$71</b>

## Donativos desde 15\$00

D. Ludovina Marques Ribeiro, Tomar, 15\$60; Luis da Costa, Góá, 23\$05; Augusto de Freitas, Guimarães, 50\$; Marquês de Rio Maior, Lisboa, 100\$00; António Antunes Martins de Almeida, Arganil, 20\$00; D. Maria Martins Ferreira, Fátima, 20\$00; D. Henriqueta Correia Monteiro, Porto, 15\$00; António Calvo de Oliveira, Matosinhos, 20\$00; D. Maria de Jesus Gaspar Salomé, Ithavo, 30\$00; Francisco Luís Louro, Alcaçer-do-Sal, 50\$00; Várias pessoas por intermédio de D. Elvira Nunes Fonseca, Lisboa, 50\$00; P.º José Gonçalves Ferreira, Carnaxide, 20\$15; D. Ana Joaquina da Silva Carvalho, Alandroal, 30\$00; D. Ana da Silva Cruz, Curja, 20\$00; D. Joana do Espírito Santo Neves, Amoreira, 20\$00; D. Dilar dos Santos Mendes, Martin-Longo, 63\$80; M.ºr Marquês Dora, S. Paulo, Brasil, 30\$00; D. Amélia de Sá Carneiro Cardoso Lopes, Lisboa, 25\$00; D. Maria Celeste de Araújo Abreu, Guimarães, 20\$00.

Este número foi visado pela Censura

## A Mão Dum Santo



É para os crentes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lombago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus jeitos; entorses, torçoes, cainbras e fricções; dores dos pés que se molestam com o andar e tantos outros incómodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção. FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incomodativos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito dísticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias Tubo 8\$50 — Bolião 13\$50

Agentes: José Bento Costa, Lda. Rua do Arco de Bandeira, 186, L.ª LISBOA



AS SOLAS E SALTOS

## «ENFIM»

LEMBRAM NA SOLIDEZ O AÇO NA COMODIDADE O MAPLE

Eles são mais caros, são... mas duram tanto, TANTO, que, no fim de contas, baratos ficam. Depois DÃO UM ANDAR MUITO COMODO, E NÃO RESVALAM.

Produção especial da acreditada FÁBRICA TRIUNFO S. João da Madeira

MANDE POR NOS SEUS SAPATOS, SOLAS E SALTOS

«ENFIM»



CARNEGIE disse

que — um chapéu de Um dólar, vale Dois quando a marca é conhecida e acreditada.

IMPÉRIO, CRISOS e AVIZ, são 3 chapéus de acreditadas MARCAS e nem por isso custam mais.

Belos chapéus primorosamente realizados, em vários formatos e cores na acreditada FÁBRICA TRIUNFO

de S. João da Madeira

Pontos de venda em LISBOA destes bons chapéus:

Comissaria Confinça — R. Augusta, 284/286  
J. Nunes Corréa & Ca., Lda. — R. Augusta, 259  
Grandes Armazens do Chiado — R. N. do Alameda  
Grandella — R. do Ouro e R. do Carmo  
Comissaria Adão — R. Augusta, 238/240  
Toja da América — R. do Ouro, 206-208  
Comissaria Iúlio — R. N. do Alameda, 76/78  
Graciano & Nobre, Lda. — R. de Belem 63 e 67

No PORTO

Comissaria Confinça — R. Santa Catarina  
Grandes Armazens do Chiado — P. da Universid.  
Chapelario Cassiano — R. de Cedofeita, 54

BEM BONS CHAPÉUS

# GRAÇAS DE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA N. Senhora da Fátima em CABO VERDE

## AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

## NO CONTINENTE

Joaquim Gonzaga de Sousa Ribeiro, do Porto, diz que sua esposa, Aurora de Sousa Ribeiro se curara em 1924 por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Tratava-se duma doença grave de escrofulas chegando a ter ao mesmo tempo 14 feridas abertas; depois de curada atingiu o seu peso normal de 72 quilos. Em 1937 começou a sentir-se mal. Consultado o clínico dr. Agostinho Pinto Leite, este foi de parecer que se tratava de um gânglio no duodeno. Foi a doente examinada por outro médico habilitado, dr. Mário Bernardes Pereira e pelo radiologista dr. Roberto de Carvalho. Tratava-se dum grave apêto no duodeno. Era forçosa uma intervenção cirúrgica e com urgência. A enferma perdera mais de 30 quilos do seu peso. Sentia ela grande repugnância em ser operada e consultou ainda o médico dr. Ernesto Vidal. Também este foi de parecer que a intervenção cirúrgica era absolutamente necessária e tratava-se dum caso gravíssimo. A sua alimentação era apenas puré de batata com bicarbonato de soda, e era esta a única medicação que tomava. Havia três meses que estava de cama. Chegou o mês de maio e logo lhe apareceu Fátima como a esperança da sua cura. Procuram fazê-la desistir duma viagem longa e incómoda que era humanamente arriscadíssima. Entretanto parte com seu marido chelos de fé na graça de Nossa Senhora da Fátima. Desceus em Coimbra donde partiu para Alcobaca para casa dum seu cunhado, que ao vê-la naquele estado a quis dissuadir ainda de ir a Fátima. Passou uma noite horrível com vômitos e diarreia que aumentou a sua prostração. No dia 12 de maio às 6 horas da tarde partiram de automóvel para a Cova da Iria, sendo porém obrigados a fazerem cinco paragens, durante o percurso. Era em 1938, na Peregrinação Nacional, presidida pelo Em.º Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.

Chegada a enferma à Cova da Iria sentaram-se numa pedra junto ao fontanário, donde presenciou a procissão das velas; a certa altura a doente ergueu-se e quis, ela que mal podia andar, acompanhar com a sua vela a procissão, cantando o Avé, com vigor, o que causou admiração aos seus, pois que pouco lhe bastava fazer para ficar afónica. Procurou o seu marido maneira de ela ficar no Albergue dos doentes, mas como não poderiam ficar todos no dito Albergue, ela preferiu ficar ao relento toda a noite encostada à capela das aparições. Logo pela manhã recebeu a Sagrada Comunhão e após breve acção de graças sentiu apetite e quis comer. Pensavam em lhe arranjar qualquer alimento líquido, quando a senhora pediu que lhe dessem do farnele que levavam. Com grande espanto de todos, comeu quatro bolinhos de bacalhau e um pão. Mais tarde, durante a missa dos doentes sentiu mais desejo de alimentar-se e comeu de tudo que levavam; cerca de duas horas depois, levou a mão ao sítio onde sentia o apêto e as dores, dizendo que já nada sentia.

Deram fervorosas graças a Nossa Senhora, chelos de contentamento! A enferma, que ainda na véspera mal se sustentava em pé, foi surpreendida a dar uma volta de joelhos à capela das aparições.

Voltoaram para Alcobaca fazendo a viagem perfeitamente, e mal podiam acreditar no que viam. A senhora comia de tudo, já não sentia cólicas e passava na melhor das disposições. Em Alcobaca foi examinada pelo clínico dr. Lamela. Admirou-se isto

médico quando surpreendeu a doente a comer cerejas. Examinou-a porém, foi acometido por uma síncope; o só e declarou que ela nada tinha e por isso podia alimentar-se de tudo. Sabendo o sr. Joaquim Gonzaga de Sousa Ribeiro que aquêle clinico atribuiria a cura de sua esposa a um caso de sugestão, ele exclamou: «*bendita sugestão que dura desde 13 de maio de 1938!*»...

Regressaram ao Porto, sempre muito bem disposta, sendo recebida com grande alvoroço e comoção pelos seus que anstosos a esperavam.

Franciso Xavier, de Vila de Ala, diz que tendo-lhe adoecido sua esposa com febre tifoide recorreu a vários médicos sem resultado. A doente recebeu a Extrema-Unção, e quando já não havia humanamente esperanças de que melhorasse, recorreu a Nossa Senhora da Fátima chelo de aflição, pois ficava com um filhinho de 4 meses, prometendo, caso ela melhorasse, ir à Fátima e dar uma esmola ao Santuário; a doente começou então a sentir-se melhor, e em pouco tempo estava completamente curada.

D. Júlia Martins de Oliveira, de Avanca, sofrendo, durante 13 anos, de um tumor no ventre, e sendo instantaneamente aconselhada por vários clínicos a que se sugettesse a uma intervenção cirúrgica, recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a sua cura e foi atendida.

D. Francisca de Sales Silva, de Portimão, diz: «Tendo-me aparecido, quasi repentinamente, numa perna, uma borbulha que logo se transformou em chaga que alastrava dia a dia, parecendo tratar-se de chaga de mau carácter, que não cedeu a vários tratamentos caseiros e banhos de sol que lhe appliquei durante quinze dias; depois de uns ligeiros pensos de algodão embebido na água da fonte da Fátima criou uma película e em 3 horas a ferida tomou a aparência de curada. No dia seguinte, mais consistente estava a pele; e da ferida não restava nem sequer a cicatriz.»

Outras graças agradece, alcançadas por mediação da Santíssima Virgem.

D. Maria Rosa Marques, de Aveiro, encontrando-se sofrendo de tuberculose e sem esperanças de melhorar, abandonada já das suas melhores amigas que dela se afastaram por causa do perigo do contágio, chela de fé recorreu a Nossa Senhora da Fátima; conseguiu mesmo ir ao seu Santuário e sentiu-se curada.

## NA MADEIRA

D. Joaquina Ferreira Neto, do Funchal, diz que um seu filho estava já na sala das operações para lhe ser amputada uma perna. Entretanto pediram a Nossa Senhora da Fátima para que tal coisa não succedesse; o que afinal aconteceu foi curar-se, podendo agora andar com as suas duas pernas.

## NO BRASIL

Francelina Nunes Ferreira, de Fortaleza — Ceará, agradece a Nossa Senhora a cura de sua filha Maria José Nunes Ferreira.

D. Ana Maria das Chagas, de Fortaleza, achando-se gravemente doente, consultou vários médicos e usou diversos remédios, sem resultado. Graças à protecção de Nossa Senhora da Fátima sente-se completamente curada.

D. Maria Carneiro de Melo, de Fortaleza, agradece a Nossa Senhora a cura de sua filha Maria José e a sua cura também, que diz ter alcançado por intercessão do Beato Nuno de Santa Maria.

## EM FRANÇA

D. Rosária Monteiro da Silva, de Lens — Pas de Calais diz: «Tendo há tempos o meu filhinho «Pierre» muito doente, chamei o médico que me disse ser muito perigoso o estado da criança, devido à sua tenra idade, quatro meses apenas. Cada vez se

agravava mais o mal; ao sexto dia a comer cerejas. Examinou-a porém, foi acometido por uma síncope; o só e declarou que ela nada tinha e por isso podia alimentar-se de tudo. Sabendo o sr. Joaquim Gonzaga de Sousa Ribeiro que aquêle clinico atribuiria a cura de sua esposa a um caso de sugestão, ele exclamou: «*bendita sugestão que dura desde 13 de maio de 1938!*»...

## Agradecem outras graças

### NO CONTINENTE

Manuel Ferreira Dionisio, de Mortagua;  
D. Maria da Graça Ferreira de Sousa, Vila Nova de Gaia.  
D. Elvira Barata Girão, Sernache do Bonjardim.  
D. Marinha Cardoso Couto, S. Paio de Seide.  
António Rodrigues, Fafe.  
D. Maria de Lourdes Faria, Setúbal.  
José da Costa, Porto.  
José Maceiro de Barros, Barcelos, Quintães.  
D. Esmeralda Artur, Caldas da Rainha.  
D. Maria Salomé Augusta Pinto Ribeiro, Ferrelros.  
D. Maria da Conceição Martins Guilherme, Cascais.  
D. Gertrudes Pereira da Silva, Alcanena.

Bernardino Lourenço Santos, Alvaizere.

A. Mendês Ribeiro, Viseu.  
D. Glória dos Anjos Lopes Damião, Valpaços.  
D. Maria da Luz Brázina Freire, Setúbal.  
D. Maria Martins Ferreira, Famalicão.  
M. C. G., de Elvas.  
D. Julieta Costa e Silva, Penamacor.  
D. Maria Martins, Salto.  
D. Teresa de Oliveira Soares, Gondomar.

D. Vicência do Carmo Braga, Monchique.

Manuel Marques, Esposende.  
D. Eulália Faria, Braga.  
D. Maria da Conceição Fagundes Paiva, Eoutelo.  
D. Maria Pereira Dias, Porto.  
José Pereira Novo, Arrabal.  
João Gonçalves Barreiro, Molmenta, Vinhais.  
D. Palmira Ribeiro Lopes, Lisboa.  
José Rodrigues dos Santos Gomes, Torres Novas.

## NOS AÇORES

D. Maria Ramos Dias, S. Bartolomeu.  
Fernando Augusto Moura, Ribeira Grande.  
D. Maria Nunes Pamplona Gomes, Gois, Angra.  
D. Maria Lina do Souto, Matriz da Horta.  
José Sebastião da Silva, Feteira.  
José Alvernaz da Silveira, Salão.  
D. Maria Jesúna da Silva Soares, Horta.  
D. Maria Dias Garcia, Flamengos.  
Francisco da Terra Vargas, Pedro Miguel.  
D. Maria da Conceição de Ataíde de Oliveira Lemos, Pico.  
D. Maria Alice de Oliveira Lemos, Pico.  
D. Maria de Jesus Barbosa, Horta.  
D. Ana Etelvina de Sousa, Pedro Miguel.

## NA MADEIRA

D. Luísa Rosa Ferreira, Funchal.  
D. Beatriz de Barros Lima, Funchal.  
D. Joana Doria Brazão Gomes, Funchal.  
Domingos da Silva Rodrigues, Funchal.  
D. Maria da Conceição Fernandes, S. Roque.  
D. Rosa de Jesus Teixeira, Funchal.  
D. Laurinda Gomes Loja, Funchal.

## NO BRASIL

Francisco Nogueira de Sousa, Candia.  
D. Maria Xavier Ramos, Aracati.  
D. Julieta de Castro, Fortaleza.

## Os soldados do 7 e a Peregrinação Diocesana de Leiria à Fátima

S. VICENTE DE CABO-VERDE, 23 DE AGOSTO — Correspondendo ao apêlo do seu Venerando Prelado, o Senhor Bispo de Leiria, em A Voz do Domingo, os soldados de Infantaria 7, em união com as suas famílias, estiveram espiritualmente na Fátima, na Peregrinação Diocesana, nos passados dias 12 e 13 do corrente.

A ideia de se fazer aqui uma Procissão das velas para os soldados, foi por êles acolhida com entusiasmo e alegria — e com tanto brilho e piedade se fez essa procissão que excedeu as melhores expectativas e deixou a todos maravilhados de encanto e admiração.

Os soldados muito briosos estavam em massa, podendo-se afirmar que só não compareceram os que estavam de serviço. A maior parte teve de vir a pé dum quartel a cerca de cinco quilómetros de distância, depois dum dia de trabalho, mas veio e não faltou.

Os rapazes de Infantaria 5 e de Engenharia 2 associaram-se também em grande número. A população civil, a-pesar-de, só à última hora, ser informada do que se passava, acorreu curiosa a presenciar o espectáculo impressionante de fé que foi a nossa procissão das velas.

Na verdade aquilo parecia já um bocadinho da Fátima. Num andar artisticamente ornamentado pela sr.ª D. Carolina

Marques de Ayala, esposa do nosso Comandante, e pela Menina Maria Regina Taveira Perelra, filha do sr. Administrador de S. Vicente, ia entronizada a linda imagem de N. S. da Fátima, oferecida pelo Senhor Bispo, para acompanhar o nosso Contingente Expedicionário. Ia aos ombros dos soldados, mas logo apareceu um grupo de Senhores Officiais a reclamar a honra de levar a Senhora.

A frente um grupo de cento e tal soldados levavam suas velas acesas, e atrás, cantando com entusiasmo o «Avé de Fátima», seguia a massa compacta dos demais assistentes.

A procissão deixou em todos tão boas impressões que muitas pessoas propuseram já que daqui em diante se faça todos os meses.

Que a Virgem Mãe da Fátima, Padroeira do nosso Contingente, proteja sempre os nossos Soldados, o nosso Exército e a nossa Pátria.

A. L. — Capelão-Müller

P. S. — Alguns srs. Officiais de Infantaria 5 e de Engenharia, terminada a procissão, foram ter comigo para me ralharem de, nas poucas palavras que disse, lá na igreja, me ter referido a N.ª Senhora da Fátima como Padroeira só de Infantaria 7, afirmando que também êles a queriam como Mãe e Protectora. Muito bem! e por causa disso escusamos de armar conflito... Debaixo do manto Maternal de N.ª Senhora cabem todos os cristãos seus verdadeiros devotos.

A. L.

De «A Voz do Domingo»

## As voltas do mundo

— O compadre Zé, não se vá ainda que me tem de tirar aqui umas teias de aranha da cabeça!

— Então quer que lhos arranque todos?

— Todos o quê?

— Os cabelos. Pois não é dos cabelos brancos que fala? já está mais de meado, só se ficar pelado.

— Quais cabelos nem meios cabelos, compadre Zé! É que o Tiago da Venda esteve ali a ter umas lêrias que me deixaram velado. Vinha agora pela azinhaga abaixo e nem sabia onde punha os pés. Até parece que vejo tudo por peneiras.

— Então que tal, compadre Brás?

— Olhe, dizia lá um papelucho que o rapazote estava a ler que agora o mundo vai dar uma volta, que se tem de fazer uma distribuição das riquezas e que esta guerra vai fazer surpresas destas. Eu fiquei logo envenenado quando vi o relaixadão do Machado a esfregar as mãos e a dizer para a esquerda e para a direita a quem estava: «é a igualdade, é a igualdade, eh rapazes!» E virava-me uns olhos de texugo irado, como quem diz: deixa estar raposo que te hei-de tirar a pele. Eu desabilhei logo mas trazia alma nos fígados de o esganar. Mas diga-me, compadre, isto vai cair tudo de pernas ao ar?

— Que o mundo dá volta é uma verdade. Desde que nasceu assim faz todos os dias; mas não me consta que tenha caído coisa alguma.

— Ora lá está você de rimação! Olhe isto é sério! Se ouvisse o que êle lá dizia, o tal papelucho! É a nova «orden» ou a igualdade, o que isso é?

— Olhe compadre Brás, os homens são amigos de talhar o mundo à medida dos seus desejos. Uma coisa é o que êles querem que o mundo seja, outra coisa o que o mundo há-de ser. Olhe lá, você nunca criou ninhadas de pintos? Dê-lhes a todos o mesmo milho, o mesmo caco com água e veja depois se êles crescem na mesma medida. Qual história!

É que há alguns de melhor raça e que esgaravalam mais. No dia em que se fizesse a igualdade começavam

logo uns a crescer e outros a diminuir porque há-de haver sempre neste mundo quem coma só e não trabalhe.

— Pois nem mais.

— Mas deixe-me dizer: isto sempre tem de levar volta porque o mundo não vai direito.

— Estamos na mesma.

— Na mesma não. Porque quem fez o mundo, senhor compadre, foi Deus e logo lhe viscu a lei por onde êle devia trilhar. Pode andar e descansar mas enquanto êle se não meter pelo verdadeiro caminho não vai direito.

— Mas qual caminho?

— O caminho da caridade! O homem pode amalhar e chamar seu a tudo quanto puder ajuntar mas tem de repartir pela pobreza e pela miséria. Não pode deixar morrer os outros à fome que também são filhos de Deus. Esta é que é a nova ordem que é preciso estabelecer. É nova porque muitos a desconhecem, mas na verdade é tão velha como o próprio Deus de quem é filha. As outras são ordens dos homens, filhas das suas paixões, do egoísmo e da ambição, ordem do reino do avonha a nós que todos os dias nascem e morrem com os seus autores. A nossa é a ordem do Reino de Cristo que o Santo Padre não se cansa de pregar e que nós pedimos todos os dias no Padre-Nosso.

— Agora sim, que ouvi um homem que fala como um profeta!

Dr. L. P.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens de Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

**TOPÁZIO**

A venda nas ourivesarias.

# Crónica Financeira

Quando estas linhas caírem de baixo dos olhos dos nossos prezados leitores já irá grande azáfama nas escolas primárias e secundárias e até nas superiores, porque estarão os exames da 2.ª época em curso. É por isso ocasião de contar aqui um caso muito ilucidativo de que alguns leitores poderão tirar proveito se tirarem a lição que nêle se contém.

Em Junho passado fui procurado por uma mãe, modestamente vestida, que me veio pedir que intercedesse junto de certa professora do colégio X que não queria dar média a sua filha para ela ir a exame. Como vi aquela mãe muito affita, resolvi telefonar immediatamente para a dita professora, a ver se podia tranquilizar um pouco a pobre da mulher. «Mal pronunciei o nome da aluna em questão, responde-me de lá a professora: — Oh! Sr. Dr. essa aluna é uma lástima. Anda no 3.º ano do curso do Liceu e nem escrever sabe. A pobre da rapariga deve ter qualque defeito mental, porque cada vez escreve com mais erros e em tudo vai de mal a pior. É a maior lástima que cá temos...»

— Logo calculei, respondi-lhe de cá, que se tratasse de uma aluna inferior, mas a pobre da mãe veio ter comigo tão affita...

— A mãe, Sr. Dr., é uma costureira que mal ganha para dar de comer à filha e só com a ajuda de pessoas amigas consegue custear os despeses dos estudos. Anda o mulher consumida para fazer da filha uma desgraçada. Se havia de lhe ensinar a trabalhar agora que ela está na idade de aprender, trá-la a perder tempo nos estudos, onde nunca dará nada por falta de entendimento. Quando um dia a quiser meter ao trabalho, será tarde que a rapariga já se não habituará. E depois... tudo são desgraças! E sabe de quem é a culpa sr. Dr.? Não é só da mãe que é uma brutinho, cega pela paixão de fazer da filha uma senhora;

a culpa é mais ainda das pessoas ricas que a ajudam com o seu dinheiro a trazer a filha nos estudos onde nunca dará nada!

Como este caso, prezado leitor, há centos dêjes por esse país fora. As escolas estão impetadas por grande número de alunos e alunas de capacidade mediocre que raras vezes conseguem chegar ao fim dum curso. No geral ficam pelo caminho.

Se se trata de gente rica, pouco importa que estudem ou não, pois não precisam de ganhar a vida com os livros. Os ricos, no geral, acabam por ir administrar o que é seu, ou trabalhar nas casas de seus pais; quer se formem quer não, estão sempre com o pão garantido.

Com os pobres o caso muda de figura. Se se tratar dum estudante excepcionalmente inteligente, está muito bem que a família se sacrifique para o ajudar, e bem está que os amigos e principalmente o Estado o ajudem, porque se trata dum valor que urge aproveitar, pois os talentos são raros em toda a parte. Um rapaz excepcionalmente dotado, seja pobre, seja rico, está garantido porque regra geral logo se coloca, uma vez terminado o curso.

Uma família bem relacionada, embora pobre, se tiver filhos capazes de tirarem um curso, vale-lhe a pena fazer o sacrificio de os pôr nos estudos, porque um rapaz diplomado bem protegido acaba sempre por se colocar. É uma questão de tempo, que quem tem amigos não morre mouro» como diz o ditado. Mas o caso muda se se tratar de uma família pobre e sem relações, numa palavra, numa família humilde. A um rapaz sem protecções eficazes um diploma desacompanhado de talento de pouco lhe vale, porque os lugares são poucos e os concorrentes muitos. Ocasões tem havido de a lugares de 300\$00 mensais concorrerem centos de bachareis formados!

Pacheco de Amorim

## «É preciso acordar!»

Este grito vibrante com que S. Paulo pretendia sacudir a inércia dos frouxos cristãos do seu tempo, é bem necessário que frequentemente se repita nos dias de hoje para agitar a nossa tibieza, fortificar a nossa boa vontade incipiente.

O Senhor, gravemente desprezado e ofendido por tanto desvario, tanto peccado da humanidade insensata, permite, para seu justo e merecido castigo, que ela se degladie e estrebuche num mar de ódios, de sangue e de fogo. A guerra com as suas duas companheiras inseparáveis — a fome e a peste, são agora as senhoras de quasi todo o mundo e os horizontes entenebrece-se com o fumo das derrocadas e dos incêndios. O ruído das máquinas de guerra e os gemidos dos moribundos enchem quasi toda a Europa que oferece o mais triste e lamentável espectáculo que é possível imaginar-se.

Entretanto, por uma graça inapreciável que nos tem sido alcançada por N.ª Senhora da Fátima, este querido e lindo rincão que é a nossa Pátria tem até aqui gozado os beneficios preciosos da paz!

E, só por esta razão, a nossa vida deve ser um hino constante de agradecimento ao Senhor que tão misericordioso se tem mostrado connosco; a nossa vida deve ser recta e pura no cumprimento dos Seus divinos preceitos para continuarmos a atrair a Sua Misericórdia; a nossa vida deve ser continuamente temperada pela penitência em expiação das nossas faltas e das dos

outros para não atrairmos os raios da divina Justiça.

Infelizmente, tantos de nós, apesar da terrível lição que tantos estão sofrendo, vivemos descuidados e indiferentes à vontade do Senhor, aos conselhos maternais de N.ª Senhora da Fátima persistindo temerariamente em fugir do recto caminho atraindo assim as iras de Deus.

Por essas praías fora, quantos pecados de luxúria e impureza, são atritados ao céu como um impudente desafio; quantos esbanjamentos e gastos desnecessários enquanto tantos dos nossos irmãos sofrem os horrores da fome; quantos embriagados e adormecidos nos braços do prazer pecaminoso enquanto o som horrroso da guerra nos convida a despertar e a ter juízo.

Senhora da Fátima, não vos canseis de interceder por nós junto do Vosso divino Filho suplicando-lhe para Portugal e para o mundo inteiro o dom da paz. Suplicai-lhe e alcançai-nos, Senhora, luz para tantos cegos e desviados para que eles se convertam à lição do Amor que Ele nos veio ensinar à Terra.

Area da Aliança, restabelecei de novo a amizade entre a humanidade peccadora e o Vosso Misericordioso Jesus tão desprezado e ofendido para que o tris da bonança volte de novo a pairar nos horizontes do mundo entenebrecido e proceloso.

Estrela da manhã, no meio dos perigosos escolhos que constantemente nos ameaçam, guai-nos maternalmente para o porto de abrigo do Coração de Jesus.

MOSS

## PALAVRAS MANSAS CENTRO SOCIAL

O Senhor cardeal patriarca Mendes Belo, era um conversador fluente, animado e espirituoso, a denunciar ainda, nos seus derradeiros anos, o grande orador parlamentar que elle foi, para bem da Igreja e do país.

Grande orador parlamentar numa época em que havia, nas duas câmaras, oradores que deixaram o seu nome na história da literatura portuguesa. António Cândido, Hintze, João Franco, José de Alpoim, João Arroyo... Como seria interessante focá-lo sob este aspecto!

Doutrinador grave e solene, D. Augusto Eduardo Nunes, arcebispo de Évora, era mais da cátedra e do púlpito; espontâneo, ágil e vibrante D. António Mendes Belo era mais da tribuna parlamentar. Sempre igual a si mesmo no ataque reflectido e paudado, como na tréplica rapidamente improvisada, se é que nesta se não tornava ainda mais alta e dominante a sua estatura oratória.

A eloquência imaginosa e brilhante, acentuadamente barôca de José de Alpoim nunca encontrou na câmara dos pares adversário mais perene e mais contundente. A ameaça retumbante, que parecia trazer ainda consigo a nostalgia de violências antigas, não ganhava nada em medir-se com uma nobreza moral, que era também feita de energia viril e desdenhosa.

Mas deixemos o parlamento e vamos ouvir atentamente o cardeal patriarca Mendes Belo a conversar, num longo corredor do paço arqui episcopal de Braga. O Paço novo. Ao outro, que, durante séculos, foi residência dos senhores de Braga, deu um destino laico e intangível o Dr. Afonso Costa.

Dizia S. Em.ª que se devia intensificar, até onde fôsse possível, a acção social da Igreja. É preciso ir ao povo com a doutrina e o pão, se elle infelizmente o não tem. É inútil pregar o Evangelho a estômagos vazios. Estou inteiramente de accordo com estas palavras dum Bispo da Norte America.

A fome não ouve nem comprehend. Não há razões que se sobreponham luminosamente a esta imperiosa e alucinadora necessidade vital.

O Centro Social da freguesia da Sé, do Pôrto, tem esta comprehensão da acção da Igreja no mundo contemporâneo, sobretudo nos grandes aglomerados urbanos.

Está instalado no antigo recolhimento do Ferro, a meia encosta entre o rio e o Paço episcopal. O Dr. Ferreira da Silva, illustre Bispo de Gurza, quando pároco da Sé, instalou lá uma escola; mons. cônego João dos Santos, que lhe succedeu na cura das almas e do espirito social, fez obras de adaptação e juntou à escola um patronato; o pároco actual, rev. Vitorino C. Martins Pereira, completou as obras com largueza, hygiene, asseio e bom gosto.

O Ferro, a nascente, está um pouco ensombrado pela ponte D. Luís I, duma forte travagão metálica, mas, a sul, abre filas de janelas para o rio, que será sempre o traço mais característico e mais belo da fisionomia da cidade é para Vila-Nova, fundação de D. Afonso III, para afrontar o senhorio dos Bispos no antigo burgo do Pôrto.

Quando entrei no Centro Social da Sé, por uma porta lateral, acompanhado pelo rev. Martins Pereira, pároco insinuante e zeloso, deparou-se-me logo, na primeira sala um friso encantador. Algumas dezenas de crianças, sentadas à mesa comum comiam a sua sopa suculenta e saborosa em tijelas de alumínio. Cinco, seis, sete, oito anos. Appetite, alegria e graça...

Todos nós comemos assim na mesma idade, como quem brinca de leve com a comida. Ainda não ja connosco para a mesa das refeições a seriedade da vida. Festa perene, alegria sempre a crepitar...

Tôdas as crianças acolhem o sr. abade com um sorriso matinal, limpo e agradecido. Se eu não quisesse ir mais além, já poderia dizer — estou informado, porque a alma da casa viera candidamente ao meu encontro.

Nota rapidamente que tudo o que

era antigo foi, como devia ser, conservado — portas, tectos, azulejos... A portaria caracteristicamente monástica, com grades, rodas, bancos de pedra lavrada, exemplar único no Pôrto, lá está, como foi sempre. O próprio mobiliário, que andava pelos recantos da casa desconjuntado e disperso, foi inteiramente restaurado para guarnecer a sala-museu, cujas sugestões religiosas e artisticas nos fazem viver por momentos nos primeiros dias do Recolhimento do Ferro.

O salão nobre é um dos maiores salões do Pôrto. Tem um palco, com um mobiliário presidencial precioso e solene, certamente dádiva de um benfeitor generoso, que ou tem crianças ou inveja aos pobres a riqueza e o encanto de as terem. Dá para tudo o salão — festas, cinema, estudo, conferências, jogos...

Em tôdas as divisões da casa ar, luz, brancura, asseio. Enquanto o sr. Abade se afasta um pouco, para fazer a alguém uma recomendação, vou ter com uma criança, que vejo sózinha, sentada junto da sua carteira. É uma florinha crestada já pela desgraça. Corpo deformado e raquítico. Não pode andar. Vem a mãe trazê-la de manhã ao colo e volta de tarde para a transportar a casa pela mesma forma tocante. — Gostas mais de estar aqui ou em tua casa? perguntei-lhe. — «Aqui» respondeu logo, sem sombra de hesitação. Aqui, mesmo sem a mãe, horas e horas!

O patronato recolhe já perto de cem crianças e a creche vai abrir dentro em breve.

O mobiliário liliputiano, miniatu-ral, claro e gracioso chama já pelos pequeninos, que têm balsamizado tanta vez com os seus beijos, colhidos aqui e além, as feridas da minha alma.

O Centro social é uma obra abençoada na freguesia da Sé, muito antiga e muito nobre, certamente, mas habitada por gente em grande maioria pobre. Abençoada e entregue a um pároco, que, no terreno social, caminha com fé, boa vontade, e segurança.

Correia Pinto

## Pelo Santuário

### Uma peregrinação singular

O Santuário da Fátima foi nos dias 26 e 27 de Maio testemunha duma fervorosissima peregrinação organizada pela Obra de Previdência e Formação das Criadas. Era constituída toda por criadas de servir de que estavam ali cerca de 3.000. Só camionetas passavam de 100.

A peregrinação decorreu com o maior entusiasmo e com muita ordem e piedade. Prêgou o Senhor Bispo de Vatarba à noite e o de Helenópolis à Missa do meio dia celebrada pelo Sr. Bispo Auxiliar da Guarda. O Senhor Bispo da Guarda disse a missa da comunhão geral. Os nossos parabéns e que voltem!

**Sob o manto de N.ª Senhora**  
Convivida pelo seu Pastor Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Bispo de Aveiro realizou essa Diocese a sua peregrinação à Fátima.

Muita gente a representar toda a que não pôde vir.

Iam pedir pela paz, pela sua e nossa terra e agradecer a Deus o ter escapado do horrível atentado o seu Venerando Prelado.

No fim, como despedida o Senhor D. João, acompanhado por todo o clero e fiéis presentes consagrou solenemente a sua Diocese a Nossa Senhora da Fátima.

## PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª série)

XIV

## A GULA, peccado mortal

Todos os anos, no começo do verão, costumo ir passar uma temporada numa deliciosa estância do Alto Minho, a tratar dos meus padecimentos.

Desta vez, encontrei-me lá com um abastado industrial, corpulento e rubicundo, que se lamentou amargamente de não obter melhoras.

Preocupava-se, de maneira especial, com a alimentação e dava largos passeios de automóvel à procura de restaurantes onde se almoçasse bem.

O médico aconselhava-lhe uma dieta severa, mas elle desobedeceu, alegando que tinha receio de enfraquecer.

Ao anoitecer, passou por nós, de enxada ao ombro um rapagão alto, robusto, alegre e a vender saúde. Vinha do trabalho da sacha do milho.

Na presença daquele doente, perguntei em que consistia a alimentação do jornaleiro.

— Quando tenho pão e caldo, já me considero muito feliz.

Os trabalhadores do campo, no Alto Minho, estão de sol a sol agarrados à enxada.

Ao romper da madrugada, bebem um golo de aguardente e comem um naco de broa e vão logo para o campo.

Ao meio-dia vêem jantar: essa refeição consiste essencialmente em pão e caldo e um copo de vinho. Os lavradores ricos comem ainda um pedaço de carne de porco, mas isso é uso de poucos e para poucas vezes.

À tardinha é a merenda, que consiste apenas, em sopa, um pedaço de pão e um copo de vinho. Ao entardecer, quando já se não vê para trabalhar, vão ceiar: a última refeição consta essencialmente de pão e caldo e os mais abastados juntam duas sardinhas ou umas batatas e um copo de vinho.

Com esta alimentação tão frugal e aparentemente tão deficitosa, o camponês do Alto Minho trabalha alegremente de sol a sol, tem uma saúde de ferro e adquire uma elegância corporal que faz a inveja dos moços da cidade que têm como ideal viver para comer.

Pelo contrário a gula, se nos pode condenar à morte eterna, muito pode concorrer já para encurtar os dias da triste vida terrena.

J. A. Pires de Lima

## TIRAGEM DA Voz da Fátima

Algarve ... ..	5.509
Angre ... ..	20.235
Aveiro ... ..	7.825
Beja ... ..	3.357
Braga ... ..	77.308
Bragança ... ..	12.000
Coimbra ... ..	13.955
Évora ... ..	4.681
Funchal ... ..	12.463
Guarda ... ..	18.789
Lamego ... ..	11.616
Leiria ... ..	14.411
Lisboa ... ..	12.218
Portalegre ... ..	11.490
Pôrto ... ..	51.952
Vila Real ... ..	23.596
Visu ... ..	9.635
<b>Total</b> ... ..	<b>311.040</b>
Estrangeiro ... ..	3.361
Diversos ... ..	13.239
<b>Total</b> ... ..	<b>327.640</b>

Leia o livro Palavras dum médico e ficará encantado com a prosa simples e elegante das pequenas crónicas médicas dum illustre lençe da Escola Médica do Pôrto, sr. Doutor Pires de Lima. Pedidos à Gráfica — Leiria.